

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NAS TURMAS 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM 2020 E 2021: construindo trajetórias possíveis

*Rita de Cássia Barro de Freitas Araujo*¹

*Andreia Alvim Bellotti*²

*Simone Ribeiro*³

*Alessandra Maia Lima Alves*⁴

10: Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo:

O texto ora apresentado discorre sobre o processo de ensino aprendizagem nas 4 turmas do 1º ano do ensino fundamental, do Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora, no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE) no ano letivo de 2020 e no início do ano letivo de 2021. Contexto esse que nos revelou inúmeros desafios, os quais temos buscado superar a partir das possibilidades encontradas/construídas e aqui compartilhadas. Desta feita, o principal objetivo deste texto é, justamente, compartilhar as ações realizadas no ERE, os as possibilidades e nossas aprendizagens em busca do direito de nossas crianças a alfabetização.

Palavras-chaves: 1º ano do Ensino Fundamental; ensino remoto emergencial; possibilidades; desafios; aprendizagens.

Introdução

O texto ora apresentado discorre sobre o processo de ensino aprendizagem nas 4 turmas do 1º ano do ensino fundamental, do Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade

¹Doutorado em Educação. Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Contato: ritafreitasaraujo@gmail.com

²Doutorado em Educação. Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF Contato: andreiabellotti@yahoo.com.br

³Doutorado em Educação. Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Contato: simonerib@gmail.com

⁴Doutorado em Educação. Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF Contato: alessandramailima@outlook.com

Federal de Juiz de Fora, no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE) no ano letivo de 2020 e no início do ano letivo de 2021. Contexto esse que nos revelou inúmeros desafios, os quais temos buscado superar a partir das possibilidades encontradas/construídas e aqui compartilhadas. Possibilidades e ações pautadas em nossas concepções de Educação, fundamentada na compreensão de que é preciso profundo respeito ao educando, respeito à sua experiência e à sua identidade cultural entendendo-os como sujeitos de direito (FREIRE,1981).

Tendo como objetivo compartilhar as ações realizadas no ERE, os desafios e as possibilidades com as quais lidamos em busca do direito de nossas crianças à aprendizagem, julgamos pertinente apresentar, mesmo que de forma breve, nosso lugar de fala. Isso se faz necessário por acreditarmos que ao nos revelarmos e revelarmos nosso contexto de atuação, estaremos assegurando que a leitura deste texto leve esta realidade em conta.

Na sequência discorreremos sobre o contexto do ensino remoto emergencial, como o temos experienciado; sobre o processo de alfabetização no ERE, considerando os desafios e as possibilidades; sobre a avaliação, enquanto um desafio permanente e, para encerrar, apresentamos as considerações que conseguimos traçar a partir do que estamos vivenciando nesse momento, de nossas concepções, crenças, valores e nossa experiência de mais de dez anos em turmas do 1º ano do EF.

Nosso lugar de fala

Somos professoras do Colégio de Aplicação João XXIII há mais de dez anos, ao longo destes atuamos juntas nas turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental (EF) com a área denominada de Linguagens (Português, História, Geografia e Ciências). Somando este tempo de atuação às nossas formações que se voltaram para o processo de alfabetização, às nossas pesquisas, atividades de extensão e frentes de formação docente, nos reconhecemos como professoras alfabetizadoras. Formamos, junto aos professores de Matemática, Educação Física, Música, Dança e Inglês a equipe do primeiro ano do EF. Nos reunimos semanalmente, sendo de quinze em quinze dias para elaborar o planejamento de Linguagens e organizar os materiais e recursos a serem utilizados, e, de quinze em quinze dias com os demais membros da equipe para elaborar o Projeto Coletivo de Trabalho (PCT).

Enquanto professoras de um Colégio de Aplicação, atuamos no tripé ensino, pesquisa e extensão. Para tanto, temos uma carga horária de 40 horas em regime de dedicação exclusiva. Atuamos também na formação docente com ações junto a professores residentes, bolsistas e estagiários dos cursos de licenciatura, além de nossa participação como docentes em cursos de formação e pós-graduação.

Sobre a realidade do CA João XXIII, consideramos importante informar que ele foi criado em 1965 como “uma escola de experimentação, demonstração e aplicação”, para atender aos licenciandos em termos de pesquisa e realização de estágios supervisionados. Inicialmente, o então chamado Ginásio de Aplicação João XXIII, era vinculado a Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora e atendia a 23 alunos da 1ª série ginásial (atual 6º ano do Ensino Fundamental). Atualmente o Colégio é uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal de Juiz de Fora, não estando vinculado a nenhum dos cursos especificamente. Atendendo a cerca de 1350 alunos, matriculados em 28 turmas de EF e 9 turmas de Ensino Médio, além de 6 turmas do Curso de Educação de Jovens e Adultos e duas turmas de cursos de especialização.

O ingresso das crianças se dá via sorteio público para 75 vagas disponíveis para o 1º ano do EF. Nos anos subsequentes o ingresso a escola se mantém via sorteio para as pouquíssimas vagas que surgem, provenientes da reprovação ou transferência de algum estudante. Acreditamos que esta forma de ingresso garante os princípios de democratização do acesso.

As crianças sorteadas e matriculadas no primeiro ano do EF passam, antes do início do ano letivo, por uma entrevista que tem como objetivo um primeiro contato, para que possamos conhecê-las um pouco em relação às suas características pessoais e aos conhecimentos quanto à leitura, escrita e conceitos matemáticos. Após as entrevistas, são organizadas quatro turmas heterogêneas com aproximadamente 20 crianças em cada uma. Norteiam essa organização os seguintes critérios: número igual ou aproximado de meninos e meninas, de crianças com laudos e de crianças em diferentes níveis do processo de construção da escrita: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Em situação de ERE acrescentamos outro critério para a organização das turmas: o acesso da criança à internet e a disponibilidade de equipamento para a realização das atividades propostas, especialmente para a participação nos encontros síncronos. Essas informações foram possíveis pela aplicação de um questionário que teve por objetivo conhecer a realidade socioeconômica das famílias.

Ressaltamos que para a organização das turmas do ano letivo de 2021 não conseguimos realizar, pela primeira vez em mais de dez anos, a entrevista inicial. Isso porque ainda não havíamos conseguido a logística para um atendimento individualizado, no formato remoto, para as famílias novatas. O questionário foi nosso principal instrumento neste contexto, nos auxiliando, inclusive, a termos dimensão da necessidade de editais referentes a auxílio de inclusão digital e empréstimos de equipamentos.

A realidade apresentada, referente a democratização do acesso, somada ao contexto do ERE e ao fato das crianças do ano letivo de 2021, em sua maioria, terem frequentado uma

escola de educação infantil em caráter remoto em 2020 ou mesmo não terem tido esse acesso, nos desafiam e nos impõe uma busca permanente de estratégias.

Ensino Remoto Emergencial

No dia 17 de março de 2020 o calendário escolar da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) foi suspenso em virtude da pandemia causada pelo novo coronavírus. Na qualidade de unidade acadêmica da UFJF, nosso calendário também foi suspenso nesta data. Foi um dia muito estranho, tomamos ciência da gravidade da situação e da impossibilidade de trabalharmos presencialmente, mas sem a real dimensão do que viria pela frente e nem do tempo que permaneceríamos nessa situação.

Diante do quadro estabelecido, embora as atividades de ensino estivessem suspensas, mantivemos os projetos de extensão, pesquisa e várias frentes de trabalho remoto foram organizadas dentro do C. A. João XXIII, tais como: Campanhas de Manutenção de vínculos escola e estudantes e de Assistência Social (Campanha "1 + 1 é sempre + que 2" - divulgação de materiais informativos sobre a Covid-19 e produção de vídeos por professores e TAEs - e Campanha "Dê uma lição de solidariedade" - arrecadação e distribuição de alimentos às famílias dos estudantes em condição de vulnerabilidade econômica e social); reorganização, adequação e manutenção das frentes de trabalho em tempos de trabalho remoto; busca de condições isonômicas para nossos estudantes e construção de possibilidades pedagógicas para o atendimento aos nossos estudantes da EB.

Em paralelo ao estudo das adequações curriculares necessárias e elaboração das atividades para as crianças, buscamos meios de enviar atividades para elas e de estabelecer um contato mais dinâmico com as famílias. Optamos, então, por instituir um número de WhatsApp institucional para cada turma do EF1, sendo este de responsabilidade das professoras coordenadoras de turma. Assim foi possível orientar as famílias em suas dúvidas sobre as atividades encaminhadas para as crianças. Opção que impactou o trabalho docente, especialmente das professoras coordenadoras, pelo grande número de mensagens de naturezas diversas a serem respondidas.

Neste processo de construção conjunta realizamos também, por meio de um questionário, um levantamento das condições das famílias para as crianças ingressarem no ERE. A partir dos dados do questionário, elaboramos um módulo de acolhimento único para as crianças do EF1, que teve como mote a construção de uma "Cápsula do Tempo". Nessa proposta, em que as atividades realizadas foram arquivadas para serem abertas no terceiro ano do ensino médio, nos empenhamos para acolher as crianças e suas famílias.

Após o módulo de acolhimento, iniciamos em setembro de 2020 a segunda etapa do

ERE que se concretizava pela realização de atividades assíncronas, de cada disciplina, enviadas quinzenalmente pela plataforma Moodle. Com a maioria das famílias adaptadas à essa realidade, em outubro de 2020 começamos a terceira etapa do ERE com os encontros síncronos online semanais. Todas essas ações permeadas por desafios e muitas horas de discussões pedagógicas. Sempre enfatizando, com base em Freire(1981), a importância de pensar o educando e o educador como pertencentes a um contexto real, que fazem e refazem suas realidades, ao mesmo tempo em que são condicionados por elas, construindo suas histórias e a história de seus contextos.

O processo de alfabetização no ERE: desafios e possibilidades

Neste novo formato trabalhamos utilizando plataforma Moodle, encontros online via conferência Web na plataforma RNP, recursos digitais e tecnológicos capazes de nos auxiliar no processo ensino-aprendizagem, considerando que nenhuma de nós é da geração Y, Z ou nativa digital, foi um de nossos primeiros desafios. A sobrecarga de atividades de planejamentos, mensagens diversas recebidas pelos diferentes canais de comunicação, estudos curriculares, reuniões pedagógicas, pesquisas, projetos de extensão, além de outras demandas potencializadas no contexto da pandemia (casa, família, stress emocional, perdas...), se somaram a ampliação dos estudos, participação em oficinas, webinars e lives para formação tecnológica(tics).

Um destaque aqui para a professora residente, os bolsistas e estagiários com os quais atuamos, cada um deles (geração Y,Z, nativos digitais), a seu modo, foi fundamental para a realização dessas ações. O quanto construímos juntos! Contar com a participação ativa desse grupo, com o olhar exotópico deles, foi fundamental para nós, para a elaboração de estratégias e para o repensar a prática.

Seguimos com o envio quinzenal de atividades pela plataforma moodlle, cada vez mais organizadas, dinâmicas e gamificadas, conforme avançamos em nossas aprendizagens, pesquisas, observações e avaliações. Seguimos também com os encontros online, dois encontros de 40 minutos por semana com a área de linguagens, além dos encontros com as outras áreas do conhecimento.

No que concerne especificamente ao processo de alfabetização cabe ressaltar que, nosso trabalho é pautado em uma concepção sóciointeracionista e temos como base a literatura e a análise e reflexão sobre o Sistema de Escrita Alfabética(SEA). Nosso objetivo tem sido desenvolver práticas que promovam uma relação positiva com a leitura e com a escrita, por um processo prazeroso de descobertas. Processo esse em que as crianças se reconheçam como leitoras e produtoras de texto. Para tanto, identificamos os níveis de escrita

das crianças; propomos atividades que estimulem as crianças a pensarem sobre a escrita e a criarem hipóteses sobre ela; propomos atividades de escrita com sentido e, organizamos atividades diversificadas que contemplem cada criança a partir de seu nível de aprendizagem em direção ao avanço deste.

Não temos um método de alfabetização, mas sim uma metodologia de trabalho que vamos construindo, baseada em estudos e pesquisas pedagógicas, nas nossas experiências e nas turmas com as quais trabalhamos, seguindo o princípio básico da busca incessante de que todos aprendam.

Para isso acontecer, acreditamos que as crianças precisam de um espaço lúdico e afetivo para se sentirem seguras e confiantes, visto que, pra aprender a ler e escrever é preciso ousar, se arriscar e isso é muito mais difícil se o ambiente é adverso, como o que estamos vivenciando no ERE. Então, frente a esta realidade adversa, temos lançado mão de um pouco de tudo que sabemos e que estamos aprendendo a duras penas.

Na plataforma, montamos uma biblioteca virtual, disponibilizamos vídeos onde possam ter contato com histórias diversas, conhecer autores, aprender cantigas e brincadeiras populares, associadas a atividades gamificadas em que podem brincar e ao mesmo tempo aprender e avaliar seu processo de aprendizagem. Lançamos mão de atividades do livro didático, em acordo com as temáticas apresentadas, bem como de escritas em fóruns e diários, onde podem tirar dúvidas, contar suas aprendizagens.

Nos encontros síncronos enfatizamos a relação entre as crianças, buscamos ler, contar histórias e cantar com elas, além de sistematizar o trabalho com o SEA. Utilizamos jogos e brincadeiras montados em aplicativos tais como canva e word wall, que podemos dizer fazem parte dessa nossa nova aprendizagem. Tentamos, mesmo que com maior dificuldade, manter como base de nosso trabalho a literatura, o prazer em ler, escrever e aprender.

Avaliação: um desafio permanente

Nesse percurso de atuação no Colégio adotamos uma perspectiva de avaliação formativa, considerando as evoluções de cada criança. São observados e registrados os progressos de aprendizagem de cada um. Acompanhamos e participamos ativamente dos processos de desenvolvimento e, assim, obtemos informações sobre as experiências das crianças na instituição. Os registros desse processo são realizados por meio de conceitos atribuídos a cada item das fichas trimestrais. Essas fichas abarcam aspectos intelectuais, relacionados aos conteúdos de cada disciplina, aspectos sócio emocionais, de enriquecimento das experiências e desenvolvimento das atividades. Essa avaliação é discutida com todos os professores.

A partir de todas essas fichas é gerado no sistema uma espécie de boletim com as informações constantes nas fichas de cada disciplina e um pequeno campo destinado à observação sucinta da criança, de cunho individual e descritivo, que é entregue às famílias ao término de cada trimestre. Ao final do ano letivo, somando-se aos registros citados, elaboramos um relatório descritivo de cada criança e encaminhamos aos professores que as receberão no 2º ano.

Entretanto, a chegada do ERE nos impôs desafios enormes no campo da avaliação das crianças do 1º ano. Com uma prática avaliativa ancorada nas observações diretas do processo de construção do conhecimento das crianças em sala de aula por meio de suas interações com professores, colegas e bolsistas, assim como a produção de atividades sob os olhos atentos do professor, nos deparamos com uma realidade de distanciamento social que muito limita nossa forma de avaliar.

Diante dessa nova realidade, os registros foram repensados e alterados. Ao final de cada trimestre as famílias recebem um relatório com os conteúdos trabalhados em cada área do conhecimento. No momento, o preenchimento das fichas está suspenso pela impossibilidade de avaliar os aspectos elencados em cada uma, sendo usadas hoje como orientadoras para a produção dos relatórios individuais anuais.

Nesse cenário de construções possíveis, foi viável manter, com algumas alterações, a prática já consolidada no 1º ano denominada Sanfona do Grafismo e da Escrita e o protocolo de leitura, por meio dos quais avaliamos o processo de construção da escrita, do grafismo e da leitura das crianças. No ensino presencial constituía-se em uma prática avaliativa mensal, coletiva ou individual, realizada em sala de aula. Com o advento do ERE essa avaliação teve seu intervalo de realização ampliado para uma vez por trimestre, passou a ser sempre individual e efetivada via plataforma Meet. Prática de grande importância para a elaboração das atividades propostas na plataforma, para o desenvolvimento dos encontros síncronos semanais e para a organização de grupos diversificados de trabalho.

Outra prática que se manteve em tempos de ERE foi a elaboração do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) para as crianças da Educação Especial, garantindo que sejam avaliadas de acordo com suas especificidades e respeitando o seu ritmo de aprendizagem.

Considerações Finais

Os cenários, ações, construções e reconstruções discorridos ao longo deste texto demonstram que a escola é muito mais do que alguns pensam que seja. A escola é viva, sente e pulsa! Os docentes, pautados em suas concepções de escola, de ensino, de vida e de ser

humano, se reinventam a cada instante na busca diuturna de garantir aos seus estudantes seu direito a aprendizagem, tendo claro de que para isso a manutenção da vida é condição sine quo non. Parafraseando Paulo Freire, não há educação sem amor, sem vida e sem respeito a esta.

Estamos certos, e cada vez mais, de que as tics e todas as aprendizagens que estamos construindo nesse tempo de distanciamento social são nossas aliadas e futuramente continuarão no nosso dia a dia na escola como mais um elemento, como recursos importantes para a garantia do direito de todas as crianças à aprendizagem.

Mas, apesar dos avanços, apesar das possibilidades, não podemos nos furtar a dizer que nada, nada mesmo, substitui o olho no olho, o contato presencial com nossas crianças, o ler sentado na rodinha e sentindo a respiração mudar a cada nova sensação que a leitura proporciona, a mediação entre as crianças em seu processo de desenvolvimento, os olhares atentos aos nossos atos, o pegar na mão, o sorriso mais sincero de quando se descobre que já reconhece uma letra ou lê uma palavra. Nada substitui essa sensação, essa experiência no sentido mais amplo da palavra. Nada substitui a aprendizagem que decorre desse deslumbramento! Mas, por hora, vamos descobrindo outras formas de nos deslumbrarmos e possibilitarmos as melhores experiências e aprendizagens que esse tempo e contexto nos permite.

Estamos ainda mais certas do quanto é bom aprender! E, por acreditar nisso é que desejamos ainda mais que nossas crianças também tenham essa condição e desejo de aprender sempre! Não há qualquer contradição entre aprender e ser feliz! O ensino precisa ser sério, mas não sisudo (FREIRE, 1982).

Referências

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

FREIRE, P. **Importância do ato de ler**. São Paulo:Cortez, 1982.